



Discurso de Homenagem a Alda Espírito Santo

São Tomé, 17 de Setembro de 2009

Foi mais fácil delinear a intenção do que timbrar a voz para esta apresentação que se anunciava impossível.

Perdoem-me a ousadia de falar dirigindo-me a tão elevada personalidade e sobretudo tendo-vos por testemunhas. Segredo-vos (se tal vos pode sossegar) que tomei pelo menos uma precaução – assegurei-me que Carlos Amado não estaria nesta assistência misturado com as Fundações ou dentre turistas. Amado era um Português, meu professor de Português para todo o curso geral dos Liceus nos finais dos anos setenta.

Teria sido imprevisível a sua reacção ouvindo-me falar de Alda Espírito Santo – a Senhora do *Solo Sagrado da Terra*.

A cidadã daquelas terras longínquas, das terras do café e das roças, de praias e de vegetação edeniana.

A cidadã que eu devia conhecer, autora daqueles textos que a ignorância dos meus tenros 14-15 anos permitiu certa vez injuriar por difíceis.

Não havia como mostrar ao Prof. Amado que já conhecia o texto e distinguia a autora e que a melancolia dos seus escritos era expressão duma vivência sofrida emprestando voz e alma aos seus.

Era importante mostrar nessa altura que conhecia Alda Espírito Santo para escapar ao insistente S- (Suficiente menos) do Prof. Amado.

Na verdade, após esse breve cruzamento académico literário, só este ano, neste Abril passado, cumpriu-se a minha promessa pessoal de conhecer em pessoa a poetisa Alda Espírito Santo.

Rendi-me à simplicidade e humildade de tão ilustre figura; foi deliciante apreciar à distância como todos os então presentes, santomenses, angolanos, portugueses, caboverdianos, brasileiros, timorenses, moçambicanos e guineenses, mesmo sem terem sido alunos do Prof. Amado

prestavam honra e respeito a esta figura singular da nossa existência e desta “Comunidade em construção”.

Vi-me em presença de uma mãe, de uma escritora, de uma Senhora da Política e uma politóloga, de uma cidadã comprometida com os valores universais da Liberdade e Justiça.

Não tive então dúvidas de que a procura de gente que tivesse moldado esta identidade que todos reclamamos, seja através de vozes, de rostos, de presenças ou de simples pensamentos, acabara de encontrar o seu primeiro elemento.

Eis Excelências,

Senhor Primeiro Ministro,

Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação

Senhor Presidente do Centro Português das Fundações e todas e todos os Presidentes de Fundações aqui presentes,

Senhor Embaixador de Boa Vontade da CPLP e Deputado da Nação,

Senhora Primeira Dama de Cabo verde e Presidente da Fundação Infância Feliz de Cabo Verde,

...

Eis porque assumimos a intenção de prestar esta homenagem, singela mas merecida; para seguir as distinções já feitas pelo Estado santomense, pelo Estado caboverdiano, pelo grupo académico anónimo liderado por Inocência Mata e para, enquanto se ultimam os critérios e preceitos da instituição do Estatuto de Cidadão Lusófono, reclamar Alda Espírito Santo como pertença de toda a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e testemunhar-lhe a nossa mais elevada admiração e respeito.

Mesmo assim, como já admiti, a intenção foi mais fácil que escolher palavras para este ato e, a prudência de evitar afirmações menos precisas e seguras levou-me à crónica de Conceição Lima, donde fui emprestar a transcrição que se segue:

Nem trincos nem trancas; Alda Espírito Santo é igual à transparência da casa que habita, a casa que nos habita. Pelos nomes próprios ...

Finalmente, enquanto lamento não ter conhecido este texto antes (teria certamente convencido o meu Prof. Amado, mas afinal ainda não existia), agradeço à Dr^a Conceição Lima e em vosso nome peço a Alda Espírito Santo que aceite esta esfinge que representa a força da mente e o reconhecimento da CPLP por todo o seu contributo pela língua e literatura portuguesas e a promoção cultural dos nossos povos.

Muito obrigado!